

TURBULÊNCIA NOS MERCADOS

Retomada da economia deve ocorrer após 2010

Jefferson Klein

A crise da economia mundial deve continuar nas manchetes dos jornais durante este ano. A estimativa é de que a partir de 2010 o cenário comece a melhorar. Pelo menos essa é a expectativa do professor do departamento de economia da Universidade de São Paulo (USP) Celso Luiz Martone que esteve em Porto Alegre falando dos desdobramentos da turbulência e do impacto no Brasil.

Jornal do Comércio - É possível ser otimista quanto ao final da crise econômica?

Celso Luiz Martone - É difícil ser otimista quando você lê o que está acontecendo, mas não é necessário ser tão pessimista. Às vezes, ao ouvir algumas pessoas falando, passa a impressão de que o mundo vai acabar. É preciso reconhecer que os governos estão fazendo muitas ações em termos de política monetária e fiscal. Isso leva tempo, no entanto dará algum resultado. Recentemente, o presidente do Fed (Banco Central norte-americano - Ben Bernanke) apontou que o ano estava praticamente perdido, mas para 2010 eles esperavam uma recuperação. É possível. Se for assim, o Brasil terá um ano muito ruim, depois de vários anos de crescimento. Em 2009, o PIB brasileiro, provavelmente, não cresce ou vai ser até negativo. Porém, a partir do próximo ano, pode haver uma retomada moderada da atividade econômica.

JC - Qual a diferença do impacto da crise no Brasil em relação ao verificado em outros países?

Martone - O Brasil está mais inteiro, o sistema bancário não está quebrado. A crise tem um caráter financeiro. É a pior que existe, entre as várias crises econômicas que já aconteceram. O Brasil, felizmente, não tem uma crise financeira atualmente. Hoje, o sistema bancário brasileiro está bem capitalizado, solvente, tem lucro, até demais. Isso faz muita diferença.

JC - O corte da taxa de juros foi feito no tempo adequado?

Martone - É fácil julgar posteriormente. Você pode dizer que era viável ter feito isso já em janeiro, mas o fato é que ninguém esperava que o Brasil fosse contaminado com tanta rapidez. O dado de PIB do último trimestre de 2008, por exemplo. Sabia-se que seria negativo, no entanto se imaginava uma queda de até 2,6% e caiu 3,6%, é algo inédito e o Banco Central reagiu a isso. Acredito que essa



BC abandonou o passo de tartaruga, afirma Martone

taxa de juros atual é provisória, deve cair ainda mais. A minha expectativa é de que se chegue em julho ou agosto com uma taxa de um dígito, algo como 9%. Tem espaço para reduzir. Agora, a impressão é de que todo mundo está consciente de que o negócio é sério. Normalmente, o Banco Central adotava um passo de tartaruga, quando tinha que reduzir a taxa. Dessa vez eles estão reagindo mais rapidamente.

JC - As dificuldades da economia podem contaminar os investimentos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)?

Martone - Em princípio, não. O PAC é algo dirigido pelo governo, que está dizendo que não faltará dinheiro para os projetos. Isso é bom, porque a melhor coisa que o governo pode fazer hoje é investir, especialmente em infraestrutura. O PAC é uma peça importante que tem que ser olhado com prioridade pelo governo.

JC - A expectativa é de diminuição no custo de crédito?

Martone - Essa é uma dúvida. Alguma redução de custo

terá, porque o juro caiu bastante e continuará caindo. No entanto, os bancos estão muito cautelosos. Em um primeiro momento, até fevereiro, eles deram uma freada no crédito, tornando-o mais seletivo, mais caro, especialmente para as empresas. A expectativa é de que os bancos, com essa redução de juros, fiquem mais propensos a normalizar o crédito. Mas tem que esperar para ver.

JC - A prorrogação da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) em veículos novos é uma medida adequada?

Martone - Eu preferiria outras ações que, acho, seriam mais inteligentes do que a opção adotada. Uma forma de dar capital de giro para as empresas é postergar o recolhimento de impostos. É simples, basta baixar um decreto. O sistema bancário está com problemas para dar crédito, então se faz um capital de giro direto. Uma ação que tem que ser tomada de forma geral. Por que o benefício é só para a indústria automobilística? Todos os segmentos estão sofrendo com os efeitos da crise.

SISPRO SPED
Ainda esperando por solução para SPED?
Conheça nossa solução em software ou serviço.
SISPRO Serviços e Tecnologia
0800.541.3300 - (51) 3415.3330 - sispro@sispro.com.br

Seis meses após agravamento, crise global não dá sinais de esfriamento

Leandro Brixius

Nos últimos seis meses, o mundo teve a certeza de que atravessa a maior crise econômico-financeira em 80 anos. Se até setembro do ano passado persistiam dúvidas sobre a efetiva intensidade da turbulência que abalava os mercados internacionais, a quebra do banco de investimentos norte-americano Lehman Brothers no dia 15 daquele mês evidenciou a profundidade dos estragos. Desde lá, o que se viu foram dados negativos de produção e de emprego até mesmo em países que se consideravam imunes, como o Brasil. "A crise se agravou há seis meses, mesmo que já estivesse se desenrolando há mais tempo, mas que em setembro do ano passado se transformou de crise financeira em econômica", define o economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE) André Scherer.

O setor bancário foi o primeiro a dar sinais de falência, gerando uma crise de confiança que acabou por reduzir drasticamente a oferta de crédito no mundo. Ninguém mais tinha segurança para emprestar dinheiro e o fluxo de capitais se restringiu. Assim, o comércio internacional também sofreu um baque, já que os principais compradores globais, os norte-

americanos, estavam atolados em dívidas e sem crédito. A Ásia, principal abastecedor dos Estados Unidos, deixou de vender e de mandar matérias-primas de outros países.

Nessa esteira, seguiram-se quedas significativas da atividade industrial, que desembocaram em crescimento do desemprego e comprometimento da renda. Para Scherer, toda essa sequência levou a um dos pontos cruciais para a retomada do desenvolvimento: o investimento privado. "Até o momento, tudo o que vemos é investimento público, já que as dificuldades de crédito e a incerteza quanto ao futuro e ao retorno que poderão ter estão limitando as ações privadas", diz o economista da FEE. Para o sócio da corretora Fundamenta Valter Bianchi Filho, essa falta de crédito teve um impacto grande na economia interna do Brasil.

Os rumos que a economia tomará daqui para frente permanecem como a principal incógnita. Se o País demonstrou até agora estar melhor preparado do que muitas outras nações para enfrentar a crise - principalmente em função do desenvolvimento do mercado interno e da diversificação dos mercados externos -, a queda de 3,6% do PIB no quarto trimestre de 2008 surpreendeu e mostrou que os impactos podem ser mais fortes do que se imaginava. Porém, Bianchi já vê resultados de retomada dos negócios neste ano.

Uma das únicas certezas é quanto aos impactos que a crise está gerando. "Há uma retórica de não-protecionismo enquanto observamos um conjunto de medidas em diversos países, como EUA, França, Alemanha e até mesmo a Argentina", analisa o economista da FEE. Essa mudança de postura deverá trazer reflexos ao comércio mundial, assim como nos próximos anos a definição de novos padrões deve alterar as relações financeiras e ampliar seu controle.



Bianchi crê na recuperação

Cursos de **Pós Graduação**
ATUALIZADO Lei 11.638/07 e MP nº 449/08
.: Controladoria e Planejamento Tributário
.: Controladoria e Contabilidade Internacional
.: Contabilidade Societária e Gerencial
.: Finanças e Governança Corporativa
.: Gestão Estratégica de Marketing e de Pessoas
.: Auditoria e Perícia Contábil
Faculdade São Francisco de Assis
Inscrições até 15 de abril
Investimento 1 + 23 de R\$ 287
www.unifin.com.br
Av. Sertório, 253 | Bairro Navegantes | Porto Alegre | Fone 51 3362.1771